

# Rumos da economia preocupam

## trabalhador

WANISE FERREIRA

**SÃO PAULO** — O segundo semestre promete esquentar tanto na área econômica, com o risco de inflação crescente, como no campo político, com a proximidade das eleições. Nessa mesma época, várias categorias com grande poder de mobilização realizam seus acordos coletivos e começam a demonstrar, em suas pautas de reivindicações, a preocupação com a condução da economia até o término do Governo Sarney.

Os petroleiros, por exemplo, apresentam alternativas para contornar o déficit da Petrobrás, enquanto os

bancários de São Paulo pretendem introduzir o acordo coletivo nas negociações com os bancos. Os metalúrgicos de São Paulo decidiram se prevenir contra a hiperinflação com a reivindicação de cesta básica.

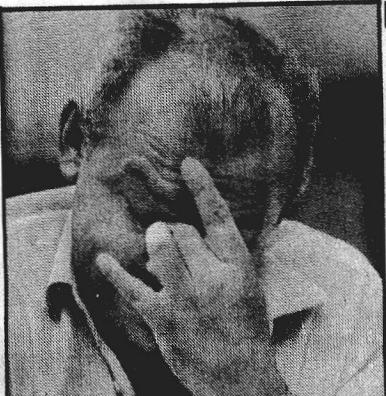
Entre as novidades que os trabalhadores apresentarão, está a defesa do monopólio estatal do petróleo, pelos petroleiros, e do Banco do Brasil.

Os 60 mil petroleiros do País decidiram dar prioridade, em sua pauta de reivindicações, a dois itens que não dizem respeito diretamente à reposição salarial dos últimos 12 meses. Eles querem, em primeiro lugar, que as distribuidoras de petróleo,

**Brasil**  
que compram o combustível da Petrobrás, paguem à vista pelo produto, e não em 12 dias, como atualmente. Em segundo lugar, os trabalhadores pedem o fim do subsídio à nafta petroquímica.

Para o Presidente do Sindicato dos Petroleiros de São Paulo, Antonio Carlos Epis, essas duas reivindicações, sozinhas, não resolvem na totalidade o problema enfrentado hoje pela Petrobrás, mas são pontos básicos para dar início a uma solução.

— A Petrobrás vende a nafta para as indústrias petroquímicas por US\$ 99,3 a tonelada, enquanto no mercado internacional ela é obtida por US\$ 170 a US\$ 180 a tonelada — disse.



Luiz Antônio Medeiros, sindicalista

30 JUL 1989 **O GLOBO**  
Cesta básica passa a ser prioridade

Os metalúrgicos de São Paulo entendem que a estabilidade no emprego deixou de ser prioritária no acordo coletivo, previsto para novembro, cedendo lugar à cesta básica, transporte gratuito, café da manhã para todos os trabalhadores e fornecimento de roupas de trabalho.

Segundo o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio de Medeiros, a categoria, composta por 370 mil trabalhadores, não deixará de brigar por aumento real, mas é a maneira de "armar as trincheiras" para conviver com a hiperinflação.

Nas negociações dos bancários, em setembro, várias novidades fazem parte das sugestões de pautas aprovadas em assembleia em São Paulo, que serão discutidas este fim de semana em Brasília.

Segundo o Diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Lúcio Prieto, a categoria quer a adoção do contrato coletivo de trabalho entre os funcionários de bancos privados e estatais. Com isso, as diferentes negociações existentes hoje, por segmentos, estariam eliminadas.